

A fome que matou 45 milhões de chineses

Eliana Cardoso

Valor Econômico, 18/03/2011

Baseado em farta documentação antes desconhecida, livro do historiador inglês Frank Dikötter comprova irresponsabilidade de Mao Tsé-tung à frente do seu país.

A história do século XX está povoada de monstros. Hitler e Stálin são os mais conhecidos, mas Mao Tsé-tung não fica atrás dos dois e deve ser incluído na lista. É difícil aceitar a afirmação do Partido Comunista Chinês de que Mao foi apenas 30% mau. Basta lembrar a grande fome que matou 45 milhões de chineses durante os três anos amargos que vão de 1959 a 1961.

Não conheço a palavra portuguesa correspondente à inglesa "famine", que descreve as mortes em massa por falta de alimento. Por isso uso o termo "grande fome" no parágrafo anterior e no resto do texto, no qual resenho o livro do historiador inglês Frank Dikötter: "Mao's Great Famine: The History of China Most Devastating Catastrophe" (Walker, 2010).

A devastadora catástrofe chinesa está ligada à política do "grande salto para a frente" de Mao Tsé-tung e às 26 mil comunas agrícolas de 1958. Por coincidência, em 2009, o número de estudantes chineses matriculados nos cursos de graduação universitária nos Estados Unidos também era 26 mil. Eles tinham pouca (ou nenhuma) informação sobre a importância das comunas na história de seus compatriotas que morreram de fome. Eles ficariam tão surpresos com a desgraça que tomou conta da China nos anos 1959-61 quanto as pessoas que leram "Hungry Ghosts", de Jasper Becker, em 1996.

Entretanto, Judith Banister - atualmente diretora de demografia da organização The Conference Board - já tinha divulgado estimativas sobre o número de mortos na grande fome chinesa em 1984. Hoje, até a própria China reconhece a tragédia. Mas o novo livro de Frank Dikötter é importante, porque se baseia em farta documentação antes desconhecida. Ele calcula que 45 milhões de chineses morreram em consequência da fome produzida pela política econômica de Mao.

Frank Dikötter - professor da London School, em licença na Universidade de Hong Kong - obteve acesso aos arquivos de 13 das 31 províncias chinesas, em cidades importantes como Cantão e Wuhan. Nos arquivos descobriu os relatórios oficiais entregues entre 1959 e 1962 aos times que vinham de Pequim se informar sobre o que estava acontecendo nas províncias naqueles anos. Com base nos relatórios, Dikötter narra os fatos apavorantes que ocorreram na China durante os anos da grande fome.

Tudo começou com uma decisão de Mao. Na celebração do quadragésimo aniversário da revolução bolchevique, Krushev prometeu superar os indicadores econômicos dos EUA em 15 anos. Ao ver o colega se gabar, Mao encheu o peito e declarou àquela assembleia internacional de líderes comunistas que a China iria suplantará o Reino Unido no mesmo período. De volta a casa, lançou o "grande salto para a frente".

Mao abençoou um novo tipo de organização rural: a comuna. As famílias foram separadas. Homens, mulheres e crianças, abrigados em construções independentes, se veriam nas cantinas onde passariam a se alimentar. Um secretário do partido explicou: "Agora que temos as comunas, com exceção dos penicos, tudo será comum, inclusive os seres humanos".

A base da estratégia maoísta foi substituir o capital por trabalho, mesmo em atividades nas quais o resultado seria o desastre. Um programa de irrigação ignorou as ecologias locais. O uso de processos deficientes na construção de represas e reservatórios acarretou o colapso, em 1960, de 3 represas de grande porte, 6 de porte médio e 223 pequenas.

Quando os cidadãos foram convocados a produzir aço no fundo do quintal, a produção agrícola do outono de 1958 apodreceu nos campos. Em setembro, 40 milhões de trabalhadores estavam operando 500 mil fornalhas. O número de trabalhadores logo subiu para 90 milhões, todos produzindo ferro tão inútil que teve de ser jogado fora. Os velhos e as crianças que tinham ficado no campo não deram conta da colheita. Sinais de fome começaram a aparecer.

Mao vivia na terra da fantasia enquanto o fracasso das 26 mil comunas gigantescas tornava-se cada dia mais claro mesmo naquelas onde a mão de obra rural poderia receber de acordo com o trabalho feito, pois o pagamento era praticamente nada. Os "pontos" por trabalho se desvalorizaram de tal forma que os camponeses, com medo de confisco, os gastavam o mais rapidamente que podiam: "O que você come é seu, o que você não come é de qualquer um".

Enquanto isso, Mao garantia que as pessoas não se rebelariam, desde que o confisco de grãos se limitasse a 30% do que era produzido. A fome se agravava. Em 1959, 1960 e 1961, as províncias tiveram crescimento populacional negativo (que chegou a - 4% em 1960).

O colapso do transporte e comércio, a destruição de 30 a 40% das moradias rurais e urbanas e a dizimação das florestas para lenha nas fornalhas de fundo de quintal juntaram-se à situação catastrófica no campo.

Para os funcionários do partido, entretanto, a vida era uma festa. Em 1960 a província de Guizhou estava acabrunhada pela fome. Mas 260 oficiais consumiram, em apenas quatro dias, 210 quilos de carne de vaca, 500 quilos de carne de porco, 680 galinhas, 40 quilos de presunto, 130 litros de vinho, além de montanhas de açúcar e massas folhadas.

Fácil adivinhar quais eram os grupos mais vulneráveis. Crianças, mulheres e velhos. Os pais vendiam, abandonavam ou matavam os filhos que já não podiam alimentar. As mulheres eram obrigadas a trabalhar nuas em algumas fábricas. Os velhos eram enviados aos "lares da felicidade", onde sofriam todo tipo de abuso. Em alguns casos, comiam-se os mortos. Em outros, matava-se o indefeso para servir de repasto.

Quantos morreram? Dikötter discute as estatísticas, inclusive as oficiais. Em 1984, Judith Banster estimou em 30 milhões as mortes "excessivas", isto é, aquelas além do número de mortes que ocorreriam em circunstâncias normais e, portanto, se deviam à grande fome. Essa estimativa tem servido de base a muitos estudos acadêmicos.

Mas Chen Yizi, exilado depois do evento da praça de Tiananmen, acredita que o número é maior. Segundo ele, o relatório encomendado pelo premier Zhao Ziyang em 1980 - que nunca chegou a ser publicado - calcula os mortos entre 43 milhões e 46 milhões. Dikötter coloca o número de mortes "excessivas" em 45 milhões.

Como uma catástrofe de tal proporção pode ocorrer? Considere o que diz Amartya Sen. Antes de ganhar o Prêmio Nobel, Sen já era famoso por causa de seus estudos sobre as grandes fomes, em particular sobre a grande fome de 1943 em Bengala (Índia), que acarretou a morte de três milhões de indianos. Sen verificou que a produção de alimentos não caíra naquele ano, mas os preços dos alimentos haviam subido muito, enquanto os salários tinham estagnado, impedindo os trabalhadores de comprar alimentos. O exame das grandes fomes na Etiópia e em Bangladesh revela fenômenos parecidos. As grandes fomes derivadas de rendimentos reais em queda na Índia e na África poderiam ter sido evitadas com programas sociais.

Sen afirma ainda que, na Índia, depois que o país conquistou sua independência e eleições livres, as grandes fomes desapareceram. É verdade que a democracia não resolve o problema da fome crônica e das mortes por desnutrição, mas já não existem mortes em massa de centenas de milhares de pessoas por falta de alimentos, como antes de 1947. "Nenhuma das grandes fomes da história da humanidade ocorreu numa democracia que funciona", escreveu Amartya Sen. Governos democráticos têm de ganhar eleições e encarar a opinião pública. Respondem, portanto, à necessidade de tomar medidas para prevenir catástrofes e reagir a elas.

No caso da grande fome da China em 1959-61, em contraste com o caso da Índia, houve colapso da produção. Mas na raiz da explicação das dimensões assumidas pela tragédia engendrada por megalomaníacos estavam também a ausência da imprensa e a inexistência de partidos de oposição. Qualquer notícia relatando uma pequena parcela do que então ocorria teria provocado violenta reação numa sociedade democrática e assistência externa. Mortes em massa provocadas por fome estão associadas à ausência de liberdades básicas. Mao merece ser lembrado como um dos grandes monstros do século XX: aquele que não apenas iniciou a maior catástrofe humana fabricada pelo homem, mas também presidiu sobre ela, de olhos bem fechados e ouvidos tampados.

Eliana Cardoso, economista, escreve semanalmente neste espaço, alternando resenhas literárias (Ponto e Vírgula) e assuntos variados (Caleidoscópio).

www.elianacardoso.com